

Candidato do PCB visita o arcebispo

Rio — Ateu convicto, segundo reza a cartilha marxista, o candidato à Presidência da República pelo PCB, deputado Roberto Freire, foi recebido ontem à tarde pelo cardeal-arcebispo Dom Eugênio Salles, conhecido por suas posições conservadoras e contrárias à ação dos setores progressistas da Igreja. Foi a primeira vez que uma alta hierarquia da Igreja Católica manteve encontro oficial com um dirigente comunista.

“Viemos manifestar ao cardeal o reconhecimento pelo papel que desempenha a Igreja na consolidação das instituições democráticas”, justificou Roberto Freire, que nos últimos dias realiza um périplo pelo País, confocando representantes de diversas instituições para a sua proposta de um pacto antiterror. Freire visitou Dom Eugênio acompanhado de sua mulher, Letícia, e de sua mãe, dona Lourdes, de 72 anos, “porque ambas são católicas praticantes”.

O cardeal fez apenas uma exigência para realizar o encontro: não ser fotografado ao lado do político comunista. “Mas é uma norma que ele tem adotado em relação a todos os presidentiáveis que o visitam”, explicou Roberto Freire, depois da visita que durou 30 minutos, na sede da diocese do Rio, no bairro carioca da Glória. Um assessor de Freire disse aos jornalistas que o encontro do candidato não significa “apoio do PCB às posições assumidas por Dom Eugênio”, numa referência ao combate desfechado pelo cardeal à Teologia da Libertação. O próprio Freire, provocado pelos repórteres, disse que não se manifestaria sobre a questão “que é de economia interna da Igreja”. Roberto Freire visita hoje outro prelado da Igreja identificado com posições conservadoras, o arcebispo primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves. Na sua agenda também programou um encontro com a direção da CNBB.

Freire disse que a conversa com o cardeal foi agradável e descontraída e descobriram até um amigo comum, o militante Luiz Maranhão, do Rio Grande do Norte, como o cardeal, e que desapareceu depois de ter sido sequestrado durante o governo Geisel. Roberto Freire entregou ao cardeal uma gravura feita por Sebastião Paixão, também do PCB. Paixão, preso em 1976, deve ao cardeal a quebra de sua incomunicabilidade.

O candidato do PCB à sucessão presidencial disse que a proposta do pacto antiterror lançada por ele “não é um instrumento de marketing de minha campanha”. Definiu a posição do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que recusa o pacto com a participação do Governo como “equivocada, porque o terrorismo é um crime contra a humanidade”.